

QUINTA-FEIRA
Lisboa--6 de Junho--1929

sempre
ix

TOSTÕES

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

159



sempre
fiar semanário humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

A S A D I V I N H A S

DO **Diario de Lisboa**

21ª

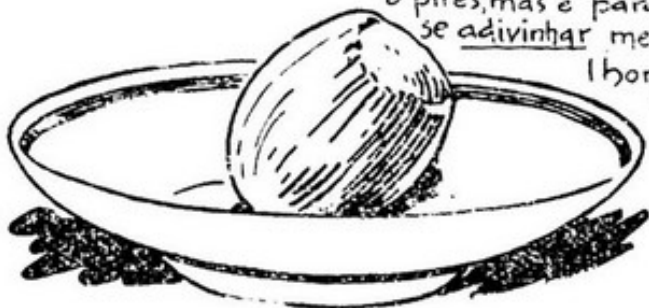


A tlar,
a fiar, não
se fie em
cantigas, Sofia,
que isso fia
mais fino...

22ª

UM PIREZ AVELANOSO

(Esta grande para
o pires, mas é para
se adivinhar me-
lhor)



23ª



O Sr. Castanheiro, aspeio como
um ouriço, dando castanha em barda.

24ª



...pagão... chinês, Sou de Setúbal,
e tenho muita honra nisso.

As grandes
velocidades...
paradas.

Corre 300.000
quilómetros
por segundo
sem sair
do seu
lugar!

25ª



26ª



O sinaleiro da
vida animal. Regula
a circulação nas
grandes e pequenas
arterias.

O espirito do sr. Cunha Valente

A scena passase numa agudalinda da Travessa do Fala-Só. São personagens: a viúva do sr. Cunha Valente, a sogra, o espirito do sr. Valente e uma mesa de pe de galo, que fala pelos cotovelos de madeira.

A Viúva: — Se és tu, meu querido marido, meu lindo Valente... Se és tu, dá três pancadas, muito levesitas, como aquelas que tu davas no tempo em que não vinhas para casa pedido de bebedo. A mesa começa a tremer. A senhora Valente prossegue:

— Diz-me, meu amor, se tens sottedo muito e se tens medo de falares á tua dedicada bôlinda. Não tenhas medo de aparecer, porque eu já convenci minha mãe a não voltar á bruxa. Agora é que eu vejo que tu tinhas razão em te queixares da tua sogra. Se não a has bato, bato três pancadas.

A mesa bateu cinco e a senhora Valente continua:

— Ontem lembrei-me muito de ti. Não sei que diabo aconteceu na cozinha que desabou e partiu-se uma grande pilha de pratos. Pensei muito em ti, quando tu te zangavas e te davas para patir á longa. A minha mãe diz que és tu que, mesmo depois de morto, ainda continhas na mesma. Não é verdade, pois não? Se é mentira, bato se uma pancada.

«Ha três noites sonhei contigo. Apareceste-me com cara de diabo. Chorei muito quando, depois de acordar, me lembrei que tu tinhas apparecido assim. A minha mãe, que não se fazia de envenerar, disse logo que era culpa do meu procedimento para contigo, afirmando que eu não te sei respeitar. Se acreditas no que diz a tua sogra, bato uma pancada; se acreditas mais em mim, bato três.

«Ouvesse tu grande barulho no soalho. A senhora Valente levanta-se espavorida. Fala á sogra do sr. Cunha Valente.

A sogra: — O' mother! Tu não ouves bater no soalho?

A viúva: — Ouvi... ouvi... Mas é mentira. Ele está zangado e julga que eu ando metida com o caixote da dogaria. É mentira.

«Ouvesse bater mais forte no soalho.

A viúva: — Lá está ele a querer bater-me... A mãe não ouve?

A sogra: — Não é ele, minha maluca. É a vizinha de baixo a bater com a vassoura porque está a cair agua em cima da cama...

B. J.

Uma noite com guitarras e fados só no Solar da Alegria

Dr. Brito Camacho



Um politico escritor que os politicos não querem que seja homem de letras e que os homens de letras não querem que seja politico.

FELICIDADE

Felicidade é linha paralela
A vida que levamos,
Tão perto estamos dela
que pensamos
poder tocá-la.
Mas, como alcançá-la,
Se as linhas paralelas não se encontram?

Na estrada branca e lisa,
Qual tira de papel,
O auto que deslisa
leva um par,
Ao Estoril,
A passar,
A tal alua de melo.

Os beijos são aos mil,
Porque dois corações
Apaxionados
Deo tantas rotações
Como um motor.

Ela diz para ele: «Meu amor»,
Ele diz para ela: «Meu amor»,
Ambos sonhando,
d'olhos postos nas estréas,

E o automovel rodando
Atrás de si vai deixando
Duas linhas paralelas.

Mariquinhas.

UM esquecimento imperdoavel

O Figueiredo era o homem mais esquecido deste mundo. Era vulgarissimo ele, depois de esperar hora e meia que lhe arranjassem uma claque, ir, depois de a ter, á bilheteira comprar bilhete, ou indo com bilhete de claque patear ruidosamente uma peça, esquecido por completo da sua missão.

Era mesmo habitual sendo casado, esquecer-se de ir ficar a casa, chegando mesmo uma vez, com grande indignação da esposa, a esquecer-se de parte das roupas brancas que envergara ao sair.

O Figueiredo tinha esquecimentos imperdoaveis. Esquecia-se frequentemente de ir para a repartição; foi ao enterro da sogra de gravata vermelha, julgando ir para os touros, etc.

Ora o impagavel Figueiredo teve, ha dias, um desgosto lamentavel. Voltando inesperadamente a casa, por se ter esquecido da chave e ter de ir ao teatro buscar a gabardine que lá deixara na véspera por esquecimento, encontrou sua esposa legítima ilegítimamente com o merceeiro da esquina. O esquecido Figueiredo esqueceu-se de que era um homem pacato e que succedem inumeros desastres com armas de fogo e lá a puxar da pistola, quando notou que se tinha esquecido dela na repartição. Olhou em redor e, deparando na parede uma adaga que pertencera a um seu antepassado, trespassou a esposa e o merceeiro, que tambem andava a vér se trespassava a merceeira, rolando-se em seguida tranquilamente para o teatro.

Quando regressou a casa, o Figueiredo, que de todo se esquecera do seu crime, foi preso e recolhido á cadeia, onde foi ontem visto. Está admiradissimo com a traição da esposa que, segundo ele diz, lhe obedecia em tudo! Ele prohibia de se pintar e ela nem pó de arroz punha no rosto; prohibia de cortar o cabelo e ela usava uma trança que envergouhava a cauda dum cavallo da Guarda Republicana; disse-lhe que não usasse saias curtas e ela usava-as até aos pés!

Em minha opinião, o Figueiredo não foi vítima da traição duma mulher, mas sim dos seus chronicos esquecimentos, visto que, proibindo sua esposa de tantas coisas, se esqueceu de a prohibir de se asseniar ao colo dos merceeiros...

Cear bem passar uma noite agradável, só no Solar da Alegria.



— Então o compadre continua na taberna. Não vê que o vinho lhe faz mal...
— E' verdade!

— Mas então esqueceu-se de que me prometen só beber duas vezes ao dia?
— Não esqueci, não, senhor.

— Ora essa...
— Eu só bebo duas vezes ao dia: quando como e quando não como...

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O PÚBLICO é para onde lhe dá?... Não é. O publico quer rir, quer divertir-se. Depois dum dia, passado a trabalhar, a arranjar o dia de amanhã, não lhe deem dramas nem tragédias. Tragedia é a labuta diaria. Deem-lhe comedias alegres, deem-lhe farças sem nexo, sem espirito, que ele — quando tem de rir, ri mesmo.

Atravessamos uma epoca transitória. Estamos certos disso. Ninguém sabe o que quer, nem para onde vai. Passar o tempo é o que ele deseja. Mas passá-lo a rir e bem disposto. E a boa disposição para o chamado grande publico resume-se nisto: estar alegre e rir.

O publico quer teatro jocoso, quer teatro comico. E este, mesmo que seja inverosimil... Quer piadas que lhe não façam pensar. Nada de procurar profundar. Ou a piada vem clara, salta logo, ou então já não acha graça e já não ri...

O proprio fado — quando ele é para a banda do sentimento — já o não diverte.

O que se está passando no T. N. é prova do que dizemos. A companhia A. de A. abriu a sua epoca com uma linda peça — como tecnica e como diálogo — e mal deu para as despesas. A seguir, um original português — quatro representações que foram uma autentica desgraça. A semana passada, porém, pôz em scena uma farça, muita farça... e as enchentes sucedem-se. Enchentes, é como quem diz, mas chega para pagar as despesas e ainda sobeja algum...

Como se explica este caso? Não sabemos.

Se o burro quer pão negro, porque razão teimam em lhe dar pão de ló?

ENCONTRAMOS na Revista Teatral, de Julho de 1896, a seguinte noticia:

«O animatografo que agora se exhibe no Coliseu com grande e merecido successo, tambem se chama cinematografo, vitoscopia o tintoscopia. Não é pelo nome que se ha de popularizar.»

Quer dizer, ha 33 anos já fazia sucesso o cinematografo. O que diremos nós hoje?

AQUELA Favorita dava noticias para muitas paginas... Todas as noites as mesas se enchiam de artistas, de amigos e admiradores de artistas e de familias de artistas... E o ponto de reunião obrigado.

All se lava a roupa suja e se sabem novidades...



D. Chica Beatriz Costa que tem com Alvaro Pires Pereira, na esplendida peça «Pó de Maio» um serviço de Vista Alegre que vale por uma alegre revista

QUANDO foi presente a um empresario determinada revista, este não gostou do titulo.

— Vocês compreendem... Não acham bem... Vejam se descobrem outro.

— Manda quem pode — ter-lhe hia dito um dos autores.

— Pois é esse mesmo... «Manda quem pode» — respondeu o empresario.



SILVESTRE ALEGRI, que na peça «Oito horas em balão», enche os espectadores de alegria.

D'HANNETAINE era um escritor que ás vezes escrevia coisas sobre teatro. Sobre o valor dos artistas dramaticos, disse em 1890:

«Entre cem bons actores, talvez apenas se encontre um bom comediante.»

Qual será a proporção entre nós, actualmente?

A. F. já não vai para o T. M. V.; fica no T. da T.

S. S. já não vai para o T. M. V.; fica no T. N.

B. J. já não vai para a companhia do C. P. por causa de...

E. F. já não volta para a provincia com o terceto; fica no O. com o C. R.

C. de O. já não retira, outra vez, a partitura da opereta...

J. G. já não entra na peça «O Tigro de Bengala»; vai para o T. M. V.

G. F. já não vai, nem para o T. do G., nem para o T. P.; fica no T. M. V.

Vivemos na terra do consta que vai e então no que já não vai...

L. F. — o nosso bom L. — chegou de Paris. Vem cheio de ideias novas.

Dizem-nos que trouxe uma maleta repleta de originaes...

Não te zangues, ó L., que isto é brincadeira...

«QUEM tiver filhas no mundo...»

Afinal, contra todos os anuncios, continuou no cartaz...

Representou-se em recita unica, que se tornou a repetir...

TRES «castigadores», qual deles o mais celebre, juntaram-se... á mesma mesa.

Um representava o passado, o outro o presente e o terceiro aspirava a ser o futuro...

Tomaram o chá das cinco e promoveram formar uma sociedade...

Qual será o ferro da ganaderia?

ESTEVE para ir de avião até Sevilha... mas arrependeu-se...

Porque seria?

O Homem das 5 horas

No Solar da Alegria cantam-se e Fala.

Quer a sorte grande? Hábilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo. 115

Coisas que o povo diz...

Mais vale tarde que nunca.
 Diz um proverbio afamado.
 Pois vão vêr com mão adunca,
 Como o viro do outro lado...
 Se ha de partir uma perna
 Ou que ser assassinado,
 Se ali em qualquer taberna
 Pode vir a ser roubado,
 Se em fazer certo favor
 Em puros desejos não arde,
 Não lhe parece ao leitor
 que vale mais nunca que tarde!?...
 O olho do dono, diz-se, engorda a vez.
 Eu, este, sei demais que quem o fez
 Por certo na bebida tinha entrado
 Ou estava com o miolo avariado!
 Então em vez de razão,
 O dono olha p'ra o cavallo
 E dêse olhar a função
 Bastou para sustentá-lo?
 Ou tem que o olho tirar
 (Crêdo, que ideia tão louca)
 P'ra fóra do seu lugar
 E ir meter-lh'o na boca?
 Da primeira forma, bem,
 A economia é suave...
 Agora da segunda, quem
 faz uma coisa tão grave?
 Diz o rôto assim ao nú
 Porque te não vestes tu?
 E sou da opinião
 Que tem muita razão.
 O rôto, é certo, anda mal,
 Mas sempre se pode vêr...
 O nú ofende a moral,
 Até o podem prender.
 Pode o rôto dar um giro
 Para «cravar» um amigo...
 O nú não sae do retiro
 Para não mostrar o umbigo.
 O rôto pode ocultar
 A papelada, a carteira...
 E como ha de o nú guardar
 A chave na algibeira?!...

Quando ha vento
 E' que se molha a vela...
 Mas que portento,
 E' d'alto lá com ela!
 Se a vela é d'alumiar,
 O vento é p'ra a apagar,
 E sendo de navegar,
 Deve-a o vento secar!
 Ou tem razão o dictado
 Ou então 'stou enganado!

SEVILHA e os jornalistas

A ideologia politica, no campo jornalístico tem treguas, agora que o «João Belo» foi a Sevilha com os jornalistas de Lisboa, Porto e Colonias. Foi franca a camaradagem e tão íntima que momentos houve em que os mais conservadores pareciam bolchevistas e os mais vermelhos defensores duma tradição arraigada aos mais rígidos preconceitos! O Padre Miguel d'Oliveira das «Novidades», levou toda a viagem a jogar a malha e com Artur Maciel da «Voz» bateu o «record» do entusiasmo pelo jogo. Davam a impressão de dois colegiais longe das vistas dos professores. Como «Novidades» e «A Voz» são bem outras quando o sr. Lino Neto e Fernando de Sousa não ameaçam os meninos com a orelha de burro.

Abel Moutinho gastou pesetas como certamente não gasta escudos na administração do «Diário de Notícias». Mates Sequeira e Nogueira de Brito, arqueólogos com ideias novas, passaram as horas olhando o mar e o céu numa atitude de misticismo que contrastam com a agitação democratica dos representantes dos jornais catolicos.

O sr. Germano Martins que tambem ia no «João Belo» disse varias vezes: — Esta camaradagem é que eu nunca consegui nos partidos politicos...

Do Porto, Pinto Machado, do «Jornal de Noticias», ex-oficial do exercito, integralista sincero, quando ouviu o hino da Exposição na Plaza de España, exclamou: — Este hino tem conjuros que parecem da Internacional.

Seixas Junior, da «Montanha», por coerencia politica-alpinista com o titulo do seu jornal, andava sempre a trepar ao alto do navio. O bacharel Nosolini, do «Comercio do Porto», tocava, no piano de bordo, Chopin e Liszt, enquanto que as meninas que

iam no «João Belo» bocejavam, por preferirem um fox-trot.

A viagem foi cheia de revelações. Quando Nogueira de Brito discursou no vapor, no ultimo dia de viagem, a pessoa que mais o distinguiu com aplausos foi o sr. Carreira de Sousa, da Moagem. Se Moscovo soubesse... A pessoa que mais vezes recitou a «Catedral» foi aquele jornalista. Em compensação, o padre Miguel de Oliveira passava as horas embevecido com o monumento a Becquer, representativo dos três amôres. O fotografo Raul Reis, que enjoou em toda a viagem, não soceou enquanto não viu o tumulo do famoso matador Gallito! Mimoso Moreira, representante da Imprensa colonial, foi mais coerente porque acompanhou sempre com Henrique Marques Junior, do «Jornal do Comercio e Colonias». A hora da refeição, a confraternização ainda era maior. Nesta altura aparecia sempre novo personagem: Benoliel. O nosso simpatico camarada teve alguns ditos felizes. No Pavilhão de Portugal, quando pretendia fotografar Afonso XIII, um policia disse-lhe: — Sea usted discreto.

Resposta imediata: — Estou em territorio português!
 No aerodromo, á subida do «Junker's», em que valorosamente subiu sua filha Ester, alguém lhe disse: — Suba tambem, Benoliel.
 Ao que ele retorquiu: — Não, posso morrer e quem é que ha de jantar logo por mim?
 O nosso Benoliel, que é uma pessoa previdente, conseguia em Sevilha, para poder trabalhar á vontade, já, já todos os dias... de vespera.

E lembrarmo-nos nós que o padre Miguel de Oliveira teve algumas vezes de jejuar!

Prosa de Cha-Velho

A Prosa de Cha Velho cede hoje lugar á do «cha...rman» Comte de Bondy, que no *Eccelsior* continua as suas espirituosas crônicas acerca das touradas portuguesas.

Referindo-se aos forcados, diz Bondy que é um officio que ele não inveja, e descreve-os naquela altura em que formam na arena «avec des intentions certainement malfaisantes», comparando-os a um grupo de coristas que fossem entoar, com baixos profundos, qualquer coisa no genero de «Les montagnards sont là».

Depois, com espirito intraduzível, descreve a aglomeração indescritível que, em certa altura e de comum acôrdo, larga o touro, que «complementement épaté par ce traitement sans non, reste au milieu d'eux aussi immobile qu'un caniche».

E' uma luta muito rustica para o meu gosto — comenta o Conde de Bondy — e, depois de ter visto os forcados fazerem uma *quête*, compara-os a saltimbancos com «rembourrage sur l'estomac» e praticando «jju-jitsu»...

Depois, compreendendo a morte do touro, dá uma aproximada nota da versão da ultima corrida de touros em Salvaterra, e da proibição do rei, que via perigar a vida dos vassallos, concluindo: «C'est pourquoy, dans les courses portugaises modernes, personne n'est plus tué, pas même le temps».

Ele tem razão: nas modernas corridas portuguesas não se mata ninguém, nem mesmo o tempo...

A sauda da tourada sugere-lhe ainda um comentario feliz, manifestando que pelas escadas e corredores corre toda a gente apressada; porque não ha nada que iguale a pressa dos que, perdendo o tempo durante dias ou três horas, querem ganhar um minuto á sauda...

Pela tradução,

Perez La Chaise

N. B.

As grandes reportagens em Espanha



NOGUEIRA DE BRITO, arqueologo, crítico musical e jornalista, que foi a Sevilha a vapor, fez discursos e reportagem brilhantes.



ARTUR PORTELA que foi a Barcelona num vôo e com azas na pena fez uma reportagem que é um verdadeiro vôo jornalístico.

Coisas que não foram vistas

Serafim Matias e Bernabé Chibante, dois espertos cidadãos da provincia, compadres em linhas recta, resolveram vir de passeio a capital, a fim de visitar todas estas belezas... de hortaliça.

Viram as mulheres pintadas da rua do Ouro, viram os nabos da Avenida e as nabças da Baixa, com as respectivas direcções proibidas, viram as arvores do Terreiro do Paço, que já lá não estão, viram o projectado projecto da ponte sobre o Tejo, viram tudo, enfim, quanto por cá ha digno de vêr-se.

Pois num dos dias que por cá andaram, tiveram a levandade de ter a ideia — ter ideias é hoje uma levandade muito em voga — de ir jantar a um restaurante. Chegaram, entraram, sentaram-se e o criado trouxe-lhes a lista em francês. Não perceberam patavina. E, no meio de toda aquela confusão francesa — os nossos amigos não esmoreceram — escolheram três pratos.

Traz o criado o primeiro, uma bela dose de feijão frade — vulgo de duas caras, coisa que por cá muito abunda. Comeram. Vem o segundo. Era feijão branco. Comeram também. Vem o terceiro. Feijão encarnado. Comeram ainda. Mas protestaram não comer mais feijão.

E vindo ao lado um sujeito a comer uma bela *mayonnaise*, diz o compadre Matias:

— Compadre, vamos a vêr como ele pede, para pedirmos como ele e assim comeremos as coisas boas que ele come.

— Já a pouco, o sujeito chama o criado e diz:

— Bis.

E logo os nossos amigos chamam também o criado e pedem também:

— Bis.

E o criado traz mais *mayonnaise* para o sujeito e mais feijão encarnado para eles. Já lhe não tocaram e, irritados, pagaram a conta e saíram.

Mas para onde iam espalçar a sua disposição de tanta feiçãda? Era fácil. Iam ao teatro. Uma revista-sinha dessas modernas sem graça nenhuma, estava a calhar.

Retornam ao teatro e sentaram-se nos seus lugares. O teatro regurgitava. Tudo a saçar.

A certa altura, entra uma actriz de zangar na boca, cabelos em rodilhos, que, com uma vez bastante estragada, lá vai arrastando um fado, no mesmo tempo que faz cócguas na barriga duma guitarra.

Quando acabou, foi um delírio. O teatro cahia abaixo com palmas e de todos os lados pediam bis. Então, Bernabé, levantando-se dum pulo e agarrando na mão do Matias, diz:

— Fugamos, compadre, que lá vem mais feijão!

G. C.

CRONICA dos Tribunais

Na Boa-Hora. Está aberta a audiência! O réu é acusado de ter, num club, mandado vir diversas bebidas, recusando-se depois a pagar a despesa.

O juiz: — Se o réu não tinha dinheiro, porque pediu vinhos das melhores marcas?

— Pois se eu não tencionava pagar, porque havia de pedir bebidas ordinarias...

Responde um individuo acusado de roubar um burro. No processo não existem testemunhas de acusação.

O advogado, dr. M. M., dirigindo-se ao juiz:

— Requeiro a leitura do depoimento do interessado na causa!

— Qual interessado?! — pergunta o juiz.

— O burro! Como não ha testemunhas de acusação, só ele pode dizer-nos como foi roubado.

Um profissional do conto do vigário é arguido de ter roubado varios objectos de ouro, entre eles uma medalha; a effigie da Republica num aro cravejado de brilhantes.

O juiz: — Porque roubou os objectos e os foi vender?

— Necessidades da vida... Mas fiquei com a medalha da Republica, depois de a descravar do aro com brilhantes.

O defensor M. M.: — Alego em defesa do réu a confissão espontanea e os relevantes serviços prestados a Republica.

Risos entre a assistencia.

O juiz: — O arguido é revolucionario de 5 de Outubro?!

— Nada disso! E' que, enquanto

muitos teem encravado a Republica, o meu constituinte é dos poucos que a desencravou e a não empenhou!...

Numa audiencia importante, em que intervinham como advogados de defesa os srs. drs. M. M. e B. M., era acusador particular o sr. dr. S. C. Este, para segurar bem a acusação, lê varios trechos do livro «Simulação», do professor sr. dr. Beleza dos Santos, para demonstrar a culpabilidade do arguido.

Um dos defensores, querendo desmanchar toda a argumentação do colega, agarra numa mortalha, toma umas notas e, quando lhe é dada a palavra, diz:

— O meu colega não leu o livro todo do illustre lente, ou se o leu só aproveitou as hipoteses que lhe convinham, esquecendo-se de ler as conclusões, que destroem em absoluto os argumentos apresentados.

O advogado de acusação faz-se de mil cores. Não tem coragem de replicar. O mais curioso é que o livro em questão não tinha quaisquer conclusões que destruíssem a argumentação apresentada pelo acusador, sendo apenas uma habilidade do audacioso advogado, que nem sequer conhecia o livro...

Responde um homem acusado de ofensas corporais.

O defensor J. C., interrogando uma testemunha de defeza:

— A opinião publica lá na terra é toda a favor do réu?

— Isso não sei...

— Então não sabe o que diz lá a opinião publica?

— Eu nunca a vi!

De regresso...

Depois de alguns meses de ausencia por ter partido para o Afganistão, na intenção de encontrar para a minha humilde pessoa uma vaga de Rei, que não consegui, regressiei a Portugal com mais um centimetro de altura, resultante do calor que, como é do dominio publico, dilata os corpos. Ao chegar á estação do Rossio, encontrei a população da capital meditando, como que debaixo da ameaça da espada de Damocles.

Soube logo em seguida a causa de semelhante preocupação: todos procuravam decifrar a nona adivinha do papá *Diário de Lisboa*, que estava lá escrita. Sim, pois se não estivesse escrita... ninguem a lia! A' noite fui assistir, no Cinema Condes, á exhibição dum filme *sonoro*, o primeiro que appareceu em Portugal, acompanhado dum disco de gramafone...

Ouvi os sinos de Mafra que, como todos sabem, são de bronze; encontrei o Silva Passos, amigo da velha guarda, com um molho de rabanetes na lapela; admirei a estatua do Marquês de Pombal, a estatua do sr. Carlos Pereira, o hotel do Parque Eduardo VII e as tabernas transfermadas em leitarias «modern style».

Mas o que me causou espanto foi ter encontrado no mesmo estado de putrefacção aquele maldito carro electrico n.º 603 da carreira Estrela-Camões!

Tudo mudara. A maioria dos empregados bancarios dedicara-se á arte de Talma, os artistas a empregos bancarios, as sogras já eram miúgas e os genros *féras*... mas o electrico não soffera transformação alguma!

Aquele maldito 603 a pedir uma dose de injeções, nem ao menos, durante a minha ausencia, tinha sido enviado á exposição de Sevilha, para honra e gloria da Companhia Carris!

Rocix.

Narizes

Levanta mil discussões
A descoberta d'Asuero,
E os illustre sabichões
Teem varias opiniões
Que eu não percebo nem quero.

A quanto Asuero diz,
Provando as curas que alcança,
Franzem os sebios hostis
O venerando nariz
Com ar de desconfiança.

Nem só p'los sabios senis
A discussão é travada;
Que uma réua d'imbecis
Anda metendo o nariz
Aonde não é chamada.

Provoca um riso escarninho
A rotineira Sciencia,
Que vai tão devagarinho
Abrindo a custo o caminho
Do misterio da existencia...

Um prova o que outro não crê,
Diz o que outro contradiz;
E a Sciencia que trespê,
Nem sequer vê que não vê
Um palmo além do nariz...

João Fernandes.



O correio: — Lá me enganai no andar. A senhora Maria não é tão photogénica...

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.



— E você não se arrependeu de atirar com o tacho á cabeça de sua mulher?...

— Sim, senhor juiz, mas que quero, só depois de ter atirado com ele é que me lembrei que tinha custado 15 tostões...



— Oh! filha! Por esse andar vejo-me obrigado a ir trabalhar...

Elevador da Gloria OS CUIDADOS DE POLICARPO

Pai e filho esperam na estação do Rossio o comboio que os ha de levar a Santarem.

— Ouve lá, papá — interroga o garoto. — Não és capaz de explicar-me como é que andam os comboios?

— Sim, meu filho. Ora escuta: Na locomotiva vai a caldeira. Por efeito de combustão, essa caldeira produz uma grande quantidade de gazes que, introduzindo-se por varios tubos fazem mover a toda a velocidade um embolo que, por sua vez, por diversos maquinismos, faz mover as rodas. Comprehendeste?

— Sim, papá. O que eu não percebo é como os comboios podem andar sem cavalos.

O Sarralva:

— Olha lá, Artur. Vê lá se adivinhas: Um burro está num campo á muito em dizê-lo — está muito mal. O burro está cheio de fome e no sitio onde está não ha nada de comer. Todavia, na outra margem do rio está um grande monte de feno que ao burro causa appetites. O animal tem vontade de passar, mas não se atreve a deitar-se a nado. O que é que o burro tem de fazer para comer o feno?

— Nada mais simples: salta.

— Não pode ser. O rio é largo.

— Bem! Nesse caso atravessa a ponte.

— Mas ali não ha ponte nenhuma.

— Vai num barco?

— Não. Não ha barcos ali.

— Então não sei.

— Desistes. Não é assim?

— Desisto.

— Foi tal qual o que fez o burro.

O medico: — O meu amigo — sinto muito em dizê-lo — está muito mal. O seu estado é de tal forma grave que já perdi a esperança de o salvar. Deseja que avise alguém?

O doente: — Sim, senhor. Desejo que chamem outro medico.

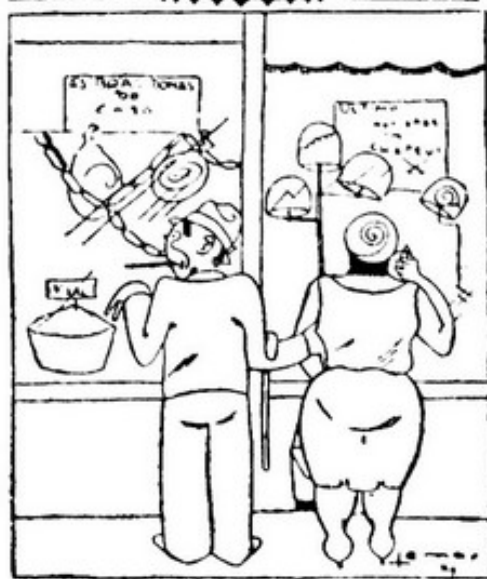
— Nunca vi uma pessoa tão egoista como o Samuel.

— ?!

— Ora calcula que hoje achou na Avenida uma nota de cincoenta mil reis e pôs-se a protestar.

— ?!

— Protestava porque ia com ele o Abraão, a quem ele devia essa quantia...



Ela, olhando os chouriços: — São esplendidos, não achas meu amôr?...

Ela, olhando a montra dos chapéus: — Até que pela primeira vez es da minha opinião.

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Emparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes !

OS CUIDADOS DE POLICARPO

Policarpo Abraão Serodio era uma pessoa felicissima, por isso que poucas ou nenhuma aspirações tinha.

Para Serodio, a vida resumia-se a ter saude, a dormir, comer, ir á repartição trinta e seis dias no ano e fumar um «Abdulla» de Xabregas depois das refeições.

Era um pessoa robusta e, por isso mesmo, pensava que a sua vida não mais acabaria. Que era Imortal.

Mas um dia...

Mas um dia, ao chegar ao café, dearam-lhe a noticia de que um seu intimo amigo tinha falecido repentinamente.

— Mas como é isso possivel? — interrogava Policarpo. Se ainda ontem estive com ele no cinema e viemos aqui depois tomar café!...

Alguem retorquiu a Policarpo que a gente pode tomar café uma noite e morrer no dia seguinte. Que não era aquella morte o primeiro caso naquelas condições.

No dia seguinte, Policarpo Abraão Serodio acompanhou ao Alto de S. João o corpo do amigo, com aquella cara de tristeza de pessoa que dormiu pouco e que, pelas circunstancias, se é obrigado a ter em todos os enterros.

A' volta do funeral, Policarpo Serodio foi a uma taberna proximo do cemiterio matar saudades do amigo...

E depois... Desde esse momento, Policarpo começou a pensar na morte repentina.

— Não somos nada! — murmurava. A sua vida passou a ser um martirio. Sempre preocupado. Sempre a pensar na morte.

Precisava, por exemplo, duns sapatos. Entrava numa sapataria.

Dizia o dono da loja:

— Leve estes. Garanto-lhe que duram muito mais tempo e apenas que lhe custam trinta escudos mais que aqueles.

— Mas que necessidade tenho eu — dizia o Policarpo — que durem mais? Posso morrer amanhã mesmo. Ora! Ora!

E como fazia com o sapateiro, procedia com todas as suas coisas.

Não se atrevia a mandar fazer um fato, não fosse morrer e perder o dinheiro da garantia.

Mas o seu maior sacrificio era não poder ir ao cinema. Muitas vezes entrou na bicha para comprar bilhete, mas quando ia a puxar do dinheiro lembrava-se:

— E se eu, depois de gastar os oito mil reis da entrada, morro antes de sentar-me na cadeira?

Como resultado de tanta preocupação, o Policarpo caiu á cama doentissimo.

O medico assistente aconselhou a que chamassem um especialista. Este chegou e observou o doente com um aparelho da sua autoria, munido dum alto-falante, que permitia ouvir todos os ruidos de dentro do corpo.

Policarpo, todavia, não melhorava.

Foi necessario, pois, chamar uma junta de medicos para acordarem na melhor forma de o salvar.

Vieram os medicos, auscultaram o e saíram para o quarto do lado para trocar impressões.

Policarpo, não podendo conter-se, levantou-se da cama, encostando o ouvido ao buraco da fechadura.

— E' um caso perdido — dizia um dos medicos. Este homem tem justamente oito dias de vida.

Policarpo, empalidecendo, gritou: — Oito dias de vida! Oito dias!

Caiu para o lado... e morreu murmurando:

— Tambem eu morro repentinamente!

Com todos os cuidados, os medicos puzeram o corpo sobre a cama. E um deles, tirando da carteira uma nota de cem mil reis, aproximou-a dos olhos de Policarpo que, claro, não se moveu.

— Não ha duvida nenhuma. Morreu!

Tinha-me esquecido dizer que o Policarpo era judeu.

JULIO SANTOS



O simpatico «Barman» do S. Luiz Cine, a quem as senhoras chamam o Julio Florista!

BOM HUMOR

O pai milionario: — Quando comecei nos negocios, meu filho, não tinha cinco reis.

O rebento, muito sceptico: — Acredito, papá. Mas as pessoas com quem tinhas negocios deviam ter muito dinheiro.

Na aula:

— Em que batalha morreu Alexandre, o Grande?

— Eu... eu creio que na ultima.

O pai, á porta do salão:

— Minha filha, o teu namorado ainda está?

— Não, papá. Já tenho aqui outro...

No atelier do pintor:

O pintor: — Um americano ofereceu-me cinco contos por este quadro.

O admirador: — Pois eu só ofereço cinquenta escudos.

O pintor: — E' seu o quadro. Não está certo que todas as nossas obras primas vão para o estrangeiro.

Entre escolares:

— A tua gripe não foi tão má como a minha. Tive que faltar ao colegio três semanas.

— Oh! A minha foi terrivel! Obrigou-me a faltar ao colegio precisamente quando estava em férias...

A cartomante: — O senhor vai-se casar, mas aparece aqui outra mulher a impedi-lo.

— Basta! E' a minha senhora...

Na plateia dum teatro:

— Perdão, cavalheiro! O senhor conversa tanto que não oiço uma palavra...

— Mas que lhe importa ao senhor saber o que digo a minha mulher?...

Ela: — Oh! os homens! Meu marido prometeu-me uma surpresa se eu aprendesse a cosinhar!

— E aprendeu?

— Aprendi. Mas a surpresa foi despedir a cosinheira...

— Porque bebe você tanta aguardente! Isso dá cabo da vida!

— Ora! Ora! Já tenho sessenta e oito anos de idade e estou com uma saude do ferro!

— Sim, mas se não bebesse podia ter a esta hora noventa e nove...



— A nação prolonga a vida...
— Ora! Os nossos avós não pagam, e no entanto...
— Morrem todos!

Cear alegremente só no Solar d'Alegria.



O dr. Asuero e o nosso "foot-ball"

No sábado jogaram contra o Benfica uns uruguayos. Não eram os tais, os celebres, os *campeoníssimos*. Apenas uns *uruguayos-ersatz*.

Mas, mesmo assim, passaram no campo e ganharam á vontade.

O Benfica foi para o campo já dis-

talidade transcendente das engenharias.

* * *

Os amadores do desporto automobilista deram em chamar ao dr. Asuero: — o dr. Acclero.

Com efeito, os doentes vão para de

«O Leça: hesitante e sem ritmo ao ataque...»

Sobre o match Marítimo-Vitória, diz:

«O foot-ball exige tecnica, ritmo, etc...»

Esta preocupação do ritmo revela-nos um amador de *foot-ball* musical.

Realmente, os nossos desafios tem ás vezes o andamento de tangos. Certos *goals* mereciam ser acompanhados por uns fadinhos muito tristes. E, quanto aos *pizzicatos* nas canelas — é melhor nem falar nisso...

Rebola-A-Bola.

Leis do "shoot"

Do livro *As leis de foot-balls em verso*, de «Zé Maria», a sair brevemente, transcrevemos a seguinte lei:

LEI NONA

Caçoqueta espirituosissima

E' infracção!

Se um *keeper* se apresentar com um grande fanthão P'ros avançados matar, Não tem nada que pensar: E' infracção!

Cá fóra da grande area Um *back* mete uma mão, Se a falta foi voluntaria, Já não foge á soite vária: E' infracção!

Um *half-back* directo Grama um valente pinhão, Se o pinhão do tal sujeito Não foi pinhão a proceito, E' infracção!

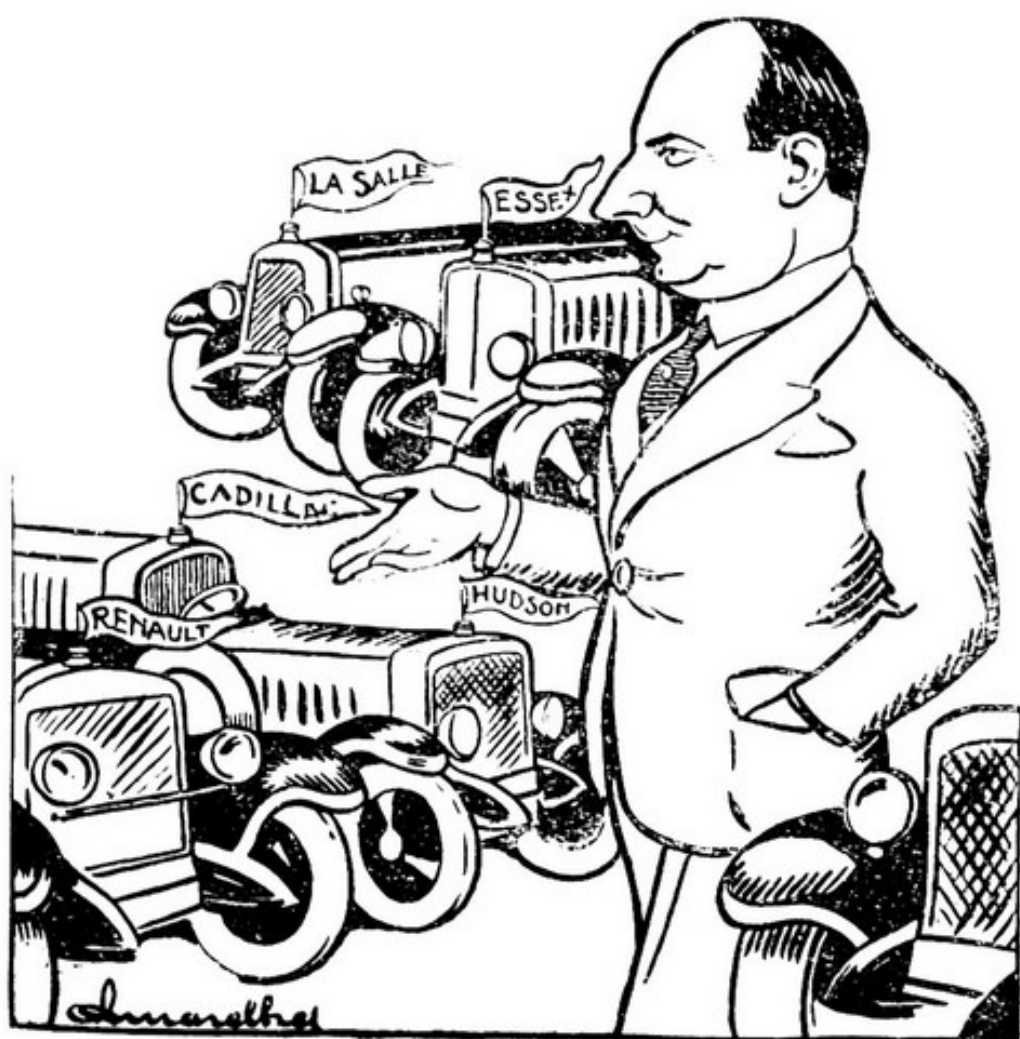
Se um tipo ferra um banana Nas ventas dum cidadão, E' suspenso por um ano, Que ofensa ao genero humano, E' infracção!

Uma rasteira é metida Ao ponta, que cai no chão, E' coisa assente e sab lá: A rasteira é prohibida, E' infracção!

Agarrar, segundo a lei, E' fazer obstrução, Quere dizer: Eu agarré E se logo não largu, E' infracção!

P'ra os saltos sobre o parceiro, Dados com má intenção, Tem de se ser justiciero, Porque armar em cavaleiro, E' infracção!

Zé Maria.



José Aguiar, que a guiar é um az...

posto a perder — e não teve oportunidade para mudar de resolução...

* * *

O dr. Asuero, dizem as gazetas, foi um grande aficionado da bola, chegando a jogar a guarda-réde dum grupo de Madrid.

Esta afinidade desportiva encheu de contentamento o nosso meio foot-bolístico. E aventa-se a hipótese de mandar vir o curador universal para trabalhar no *Association*.

Asuero teria bastantes cornetos a queimar. E ficaríamos decerto com um *foot-ball* decente, sem muletas, sem paralisias nem reumatismos.

De resto, a generalização do tratamento traduzir-se-hia nos mais benéficos resultados.

Acabariam os dirigentes *gdgs*.

Outros curar-se-hiam da valdade acentuadamente imbecil.

Outros ainda, reduzidas á apreciação equilibrada do seu papel neste mundo, deixariam de se intitular *fe-néticos* — como se um *sport* que é literalmente uma *brincadeira* entre dois grupos de rapazes fosse alguma mo-

com a circulação reduzida ou a rebuque e voltam a todo o gaz.

A diferença consiste em que, em vez de *carregar o prego* no piso, o homem espeta-lhes um prego no nariz.

* * *

Não podiam inciar-se mais auspiciosamente os torneios Portugal Inglaterra em esgrima.

Os nossos fieis aliados fariaram-se de receber toques. Desferraram-se no banquete, dando imensos toques no *Porto* e sem vestígios de terem ficado tocados.

* * *

O campeonato nacional de *foot-ball* está tomando a feição menos nacional que é possível. Ficou circunscrito, no domingo, a dois grupos de Lisboa e a um *ex-grupo de Lisboa*. O quarto contendor está ainda, á hora a que escrevemos, para ser apurado entre o Algarve e Lisboa. E' o que resta da provincia!

E chama-se a isto uma competição aberta!

* * *

Referindo-se ao jogo Leça-União, diz o *Seculo*:



Pernas a granel, marcas a mais e das boas, barriga a menos...

ECO DA SEMANA

a dinâmica de PARIS

OS DESPORTOS

OS BAILES RUSSOS

AS FOLIES

AS DIVERSES

AS ORQUESTRAS

A AVIAÇÃO

PARIS montparnasse

FOUJITA

KIKI

OS SEUS AÇES

AS EXPOSIÇÕES

KISLING

RENEE KISLING

E O CALOR DESTA SEMANA QUE FAZ BUFAR BRANCOS E... PRETOS!

PARIS. MAIO. 29

